



# GRAFITOS E TABUS NAS ORGANIZAÇÕES: UM ESTUDO ICONOGRÁFICO EM BANHEIROS

GRAFFITI AND TABOOS IN ORGANIZATIONS:  
AN ICONOGRAPHIC STUDY IN BATHROOMS

Recebido em 12.07.2016. Aprovado em 06.03.2017

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v11i1.466>

## Alexsandra Nascimento da Silva

[alexandra.nsilva@gmail.com](mailto:alexandra.nsilva@gmail.com)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG, BRASIL

## Luiz Alex Silva Saraiva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG, BRASIL

### Resumo

Partindo do pressuposto de que os banheiros constituem lugares “à margem” da organização, já que são espaços de passagem e se destinam à excreção, nesse estudo se analisa de que forma a comunicação expressa relações sociais na organização. Foi feita uma pesquisa iconográfica, baseada em fotografias de grafitos de 78 banheiros de uma universidade, material examinado por meio da análise de conteúdo. Os grafitos analisados expressam tabus ligados à sexualidade e à escatologia, e mesmo sendo o banheiro um não-lugar, onde a livre expressão é “tolerada”, há tentativas de controle nos níveis individual, organizacional e social. As principais contribuições apontam que inclusão e exclusão são estreitamente relacionadas às relações de poder. Os sujeitos alinhados à posição hegemônica condenam a diferença entre os sujeitos e, ao valorizar a homogeneidade, submetem os indivíduos à medida que controlam sua forma de se comunicar nas organizações.

**Palavras-chave:** Grafitos. Tabus. Banheiros. Estudo iconográfico.

### Abstract

Starting from the presuppose that bathrooms are places “on margin” from organization, once they are spaces of passage associated to excretion, in this study we deal with way communication is expressed in social relations at organization. We have made an iconographic research, based on graffiti photographs in 78 bathrooms of an university, data examined through content analysis. Analyzed graffiti express taboos related to sexuality and to eschatology, and even being a non-place, where free expression is “tolerated”, in bathrooms there are control attempts at individual, organizational and social levels. Main contributions suggest that inclusion and exclusion are closely related to power relations. Aligned subjects to hegemonic position condemn the difference among subjects and, when they valorize homogeneity, submit individuals, once they control their forms of communicating in organizations.

**Keywords:** Graffiti. Taboos. Bathrooms. Iconographic study.

## Introdução

O lugar organizacional é carregado de significados e de simbolismos, estando o sujeito, assim, associado a uma identidade, que possibilita o desenvolvimento de relacionamentos e a construção de uma história associada ao que é tido como aceitável e legítimo naquele contexto. Nesse sentido, o que se não “se encaixa” no padrão fica à margem, fomentando uma dinâmica organizacional marginal, na qual se manifesta uma comunicação também marginal. Partindo do pressuposto de que os banheiros constituem lugares “à margem” da organização, já que se destinam à excreção, nesse estudo se analisa de que maneira a comunicação expressa relações sociais nos espaços da organização, tendo sido feita uma pesquisa iconográfica, conforme será detalhado adiante. Tais espaços foram escolhidos por constituírem não-lugares organizacionais, possibilitando condições para a expressão fora das normas vigentes nos demais lugares da organização.

De acordo com Couy (2005), o banheiro moderno é um local de intimidade e solidão, mas nem sempre o foi assim. Os primeiros banheiros públicos remontam à Antiguidade e eram locais destinados à higiene corporal, e não à excreção como atualmente. Na Roma Antiga, além da função de limpeza, os banheiros também serviam como pontos de encontro, não raro abrigando em suas instalações restaurantes perfumarias, barbearias, alcovas e salas de reunião. Eram, nesse sentido, verdadeiros *lugares*, segundo a concepção de Augè (1994). Com o advento do Cristianismo, esses locais formam banidos, principalmente por terem adquirido a conotação de prostíbulos. Atualmente, segundo Couy (2005), os banheiros são locais de clausura, onde a pessoa fica só, tranca-se, separando-se do restante dos espaços organizacionais e dos controles a que estava sujeito.

Em oposição aos espaços formais da organização, em que os indivíduos são identificados e desempenham papéis sociais pré-estabelecidos, no banheiro o sujeito tem o respaldo do anonimato e da solidão (BARBOSA, 1984). Dentro da cabine de um banheiro público, ele pode se sentir livre para fazer coisas que não faria em outros espaços. Essa liberdade é proveniente do fato do banheiro ser um não-lugar organizacional (AUGÈ, 1994). Por não ser um espaço relacional, identitário ou histórico, nele os sujeitos se sentem momentaneamente desgarrados dos laços sociais que os prendem ao grupo.

Em parte isso pode ser explicado pelo fato de o banheiro ser associado à eliminação de fluidos corporais e, portanto, marginalizado (COUY, 2005). De acordo com Freud (1978), os excrementos tem íntima relação com as coisas sexuais. Nesse sentido, o lugar da excreção é também o do sexo. Sexo é tabu e, como tal, não deve ser mencionado. Tudo o que lembre ao homem civilizado que ele possui um corpo deve ser mantido oculto, como mecanismo de manutenção da ordem social (BARBOSA, 1984).

Os banheiros deixaram de ser os lugares da Roma antiga para se tornarem, hoje, espaços padronizados, de tal forma que não sobram elementos com os quais as pessoas possam se identificar sendo, portanto, espaços despersonalizados (SÁ, 2006). Esta característica, aliada ao seu caráter marginal, faz dos banheiros um local que ninguém reivindica para si, de ocupação transitória. Os banheiros das organizações fogem do controle, no sentido em que são espaços em que a privacidade é assegurada, onde não se pode vigiar.

Existe uma relação dialética entre o que o espaço significa e como ele é significado (DASKALAKI; STARA; IMAS, 2008), não existindo o espaço desconectado das práticas que neles acontecem (IPIRANGA, 2010). As pessoas podem reinventar o uso dos espaços organizacionais, atribuindo-lhes significações diferentes das previstas pelos projetos arquitetônicos (DASKALAKI; STARA; IMAS, 2008).

Assim, os grafitos de banheiro caracterizam uma forma alternativa para o uso daquele espaço. Esse é um dos elementos do caráter transgressor dos grafitos de banheiros: seus autores não são meros usuários passivos e, dessa forma, acabam infringindo as normas de utilização do espaço, mesmo que se trate de um que não é reivindicado por ninguém.

Além desta introdução, este trabalho é constituído por um referencial teórico, em que serão discutidos a marginalidade e os tabus, o banheiro e seus escritos. Logo depois será apresentada a metodologia utilizada nesta pesquisa, seguida de análise e discussão dos achados, o que precede as considerações finais.

## Marginalidade e sua relação com o espaço e linguagem

Para Marcuse (2007), um espaço marginal é aquele excluído das condições usufruídas pelos detentores

de maior poder social. Isso implica condições que agravam essa marginalidade, fazendo com que as pessoas permaneçam à margem. Para Dangschat (2009), essa situação é criada por uma instabilidade de causa social que o indivíduo vivencia e que lhe causa uma insegurança de vida e certa desconexão do grupo. Assim, a ele só resta ocupar um espaço estigmatizado e alienado, local que não é um lugar no sentido apontado por Augè (1994). Trata-se assim, do produto de um quadro assimétrico de forças.

Cada sociedade produz e mantém a sua marginalidade, visto que o “marginal” é definido culturalmente. Desse modo pode-se considerar que, ao existirem locais mais privilegiados do que outros, a diferença entre quem frequenta um e outro é o *status* (DANGSCHAT, 2009). Ocupar este ou aquele lugar tem, portanto, um determinado significado que é dado pela cultura do grupo. Assim, ela é importante para determinar a identidade daquele agrupamento e suas relações como o espaço.

De acordo com Pimentel e Carrieri (2011), a organização do espaço estrutura as interações sociais. Neste contexto, o lugar de satisfação das necessidades biológicas é visto como um lugar de sujeira, que se procura evitar. Os banheiros são locais em que o corpo fala, onde a sua vontade prevalece. Simbolicamente então, um local apropriado também para falar de outras necessidades do corpo que também são marginalizadas (COUY, 2005). Ou, um dos locais ao qual foi confinado esse tipo de manifestação.

O banheiro pode ser visto então, como um espaço desfavorecido na organização: lugar das excreções, que não devem ser mencionadas, de aspectos fisiológicos silenciados pela cultura. De acordo com Couy (2005), o local destinado tudo aquilo que o corpo elimina, é um espaço desfavorecido e marginal. O banheiro emerge, então, como um espaço desprivilegiado, que não é frequentado por prazer e que tampouco confere *status* a quem o frequenta. Por isso, acolhe a linguagem marginal. Recebe em suas paredes aquilo que não tem espaço fora dali: xingamentos, confissões, manifestações de desejos.

Ao contrário dos lugares organizacionais, assépticos, favorecidos, dedicados ao que é socialmente aceito, o banheiro é o local das mensagens excluídas. Como o espaço é marginalizado, uma atitude transgressora, como escrever nas paredes, causa menos choque ali do que se praticada em outro lugar.

Foley (1969) afirma que existem certos tabus na linguagem e, nesse sentido, existem certas maneiras de falar tidas como mais “próprias” do que outras. É criado um contraponto entre a norma padrão da língua e a linguagem coloquial, por exemplo, sendo a primeira considerada como superior à última. Assim, é inadequado usar o modo coloquial de se expressar numa ocasião em que se pede o formal. De acordo com Morris (1986), ao comunicar-se por meio de uma linguagem considerada mais adequada obtém-se o efeito de abordar temáticas proibidas sem se comprometer. A mensagem torna-se diferente se é usado um determinado termo ou outro. De maneira semelhante, as palavras escritas nas portas de banheiro são postas ali porque não podem ser ditas em outro contexto. Fora do banheiro existe identidade há um papel social que precisa ser assumido e mantido. O indivíduo que manifesta seu desejo na porta do banheiro não pode usar a mesma linguagem fora dali, pois seria inadequado e lhe traria consequências.

Há palavras que o sujeito pode utilizar para se manifestar em seu ambiente profissional, ao passo que outras só podem ser mencionadas, por exemplo, nas paredes de um banheiro. As ideias de Morris (1986) e Foley (1969) podem ser entendidas sob o prisma apresentado por Guérios (1979) de que, existem termos “atenuadores” de sentido para se referir aos tabus e que, por isso, são mais adequados socialmente do que outros.

A explicação de por que certas palavras, e não outras, aparecem na porta de banheiros provavelmente passa por esse *filtro* de linguagens mais ou menos toleradas. Como argumenta Morris (1986), no ambiente acadêmico e profissional, o uso de jargões e termos técnicos é incentivado, mesmo que isso não facilite a comunicação entre as pessoas, sendo mais apropriado falar assim do que usando palavras comuns. Nos lugares da organização apenas termos e aspectos legítimos da linguagem são aceitos.

Os grafitos de banheiros transgridem tais preceitos. Dentro do banheiro de uma organização formal como por exemplo, uma universidadeem que é produzido conhecimento acadêmico, palavras de “baixo calão” são escritas nas paredes dos banheiros. Isso marca uma ambiguidade social e simbólica: do lado de fora, um grupo – que não é homogêneo – mas que é tido como formado por pessoas cultas e bem educadas; que se expressam de uma forma condizente com este rótulo, seguindo a norma culta da língua, é o mesmo que, dentro do banheiro, usa outras linguagens – sem paliativos ou eufemismos.

Uma vez que o ambiente educacional é rígido e mecânico, sendo esperado que o estudante faça o uso correto da norma culta da linguagem, e malvista qualquer outra forma de expressão, o indivíduo é condicionado a reprimir suas emoções, seus desejos, suas risadas, suas intervenções e opiniões em função da fala do professor (OCHOA; PINEDA, 2008). Nesse contexto, o banheiro emerge como espaço que acolhe essas manifestações. Os grafitos de banheiro seriam expressão de tudo aquilo que foi tolhido em no contexto acadêmico. O que não pode ser discutido em sala de aula ou mesmo nos corredores vira temática de grafito. Lá o sujeito pode expor seus desejos, fazer piada, xingar e ironizar, entre outras expressões.

Pode-se pensar nos grafitos de banheiro como uma intervenção surgida em um contexto que lhe era propício: o de que existem mensagens que não são socialmente aceitas em todos os locais, mas que urgem por serem manifestadas (BORDIN, 2008). Escritas em portas de banheiros, locais de intensa circulação de pessoas, as ideias dos grafitos podem ser amplamente disseminadas, adquirindo um importante papel na comunicação. Pensando no banheiro como um espaço marginalizado, ele seria um importante veículo para transmitir informações de um grupo ao outro, sem passar pelas vias usuais da comunicação, mas nem por isso menos importante (WEIMANN, 1982).

## Os grafitos de banheiro como tabus linguísticos

Os tabus encerram práticas proibidas em uma determinada sociedade. De acordo com Augras (1989), não se proíbe o que não se quer, ao contrário, proíbe-se aquilo pelo que se anseia. Daí o caráter dual e perturbador dos tabus: eles são, ao mesmo tempo, sagrados e profanos; desejados ao mesmo tempo em que são evitados a todo custo. Ainda de acordo com essa autora, o conceito de tabu é profundamente arraigado na vivência humana, estando presente em todas as culturas. Ele dita um limite e transgredi-lo acarreta uma severa punição – a morte, seja ela literal ou simbólica. Assim, o medo que o tabu suscita é tão profundo que nem se ousa falar sobre ele, visto que apenas mencioná-lo já caracteriza a sua transgressão.

Uma primeira aproximação sobre as proibições que rodeiam os tabus é que elas servem para proteger as pessoas do contato com coisas contaminadas e que possam transmitir doenças. Daí os tabus que cercam o

trato com as secreções corporais (como as eliminadas nos banheiros), e com cadáveres. Um olhar mais atento revela que o mesmo tratamento destinado às coisas ou pessoas impuras, isto é, “manter a distância”, é dedicado também aos representantes do poder e do sagrado. Essa ambivalência do tabu se manifesta na raiz das línguas latinas: a palavra *sacer* era utilizada para designar tanto o sagrado quanto o impuro e o maldito (AUGRAS, 1989).

De acordo com Augras (1989), os tabus não são proibições racionais. Empiricamente, não faz diferença tocar esta ou aquela pessoa. Mas, do ponto de vista social, fazê-lo acarreta a “morte” do transgressor.

Freud (1999, p. 31) sustenta que o tabu não expressa apenas a força da proibição, mas também o imperativo do desejo, pois as restrições “dirigem-se principalmente contra a liberdade de prazer e contra a liberdade de movimento e comunicação”. E isso ocorre de maneira cíclica: proíbe-se o que é desejado, e aquilo é desejado porque é proibido. Essa duplicidade revela que os tabus são criações humanas que ajudam a resolver o problema de ter que lidar com a ambiguidade. É mais fácil deixar um tema à margem e proibido do que discuti-lo abertamente. O tabu adquire assim, um papel social de manutenção da ordem pois mantém as coisas “no lugar”, escondidas sob o manto do intocável (AUGRAS, 1989).

Isso corrobora com a noção de que os tabus são construídos socialmente e que por isso variam de grupo para grupo. Porém, mesmo não fazendo parte de uma determinada sociedade, não é possível escapar da sanção decorrente da não observância do é considerado tabu naquele contexto. Embora seja constituído dentro daquela coletividade, e com razões que talvez só façam sentido ali, a força do tabu transcende aquele contexto inicial (WINICK, 1963).

Conforme Augras (1989), quando opostos se fundem, e mensagens contraditórias convivem no mesmo espaço como no caso dos tabus, este passa a ser um espaço de poder. Considerando-se também que o poder “mágico” e “místico” pode implicar poder político, é conveniente para a classe dominante manter os outros afastados, convencidos de que aquele lugar é perigoso.

Assim, os tabus podem adquirir função de manter cada grupo em seu lugar. Grande parte dos tabus se refere aos símbolos de poder, e a ordem é mantida com a reafirmação contínua do hiato entre os sujeitos

que exercem o poder e os demais. Em algumas culturas, por exemplo, existe um tabu acerca da figura do rei. Essa proibição endossa o seu poder, visto que ele é considerado sagrado demais até para ser tocado (AUGRAS, 1989).

O tabu consegue se afirmar por si só, sem a necessidade de uma ordem divina (VILAÇA, 2009). Mas nem sempre foi assim. Nas sociedades mais antigas, a punição da violação dos tabus era proveniente dele mesmo – o tabu violado se vingava; por exemplo na contaminação por patógenos ao toca um cadáver infectado. Depois, passou-se a considerar que a vingança viria dos deuses. Posteriormente, a punição da transgressão passou a ser social, pois a conduta do transgressor levava seus semelhantes ao perigo (FREUD, 1999).

O imperativo de reparação que surge após a transgressão de um tabu como a penitência por exemplo, simboliza que, se perturbada a ordem deve ser mantida. Quanto a isso, por sua natureza ambígua, é necessário que o tabu seja transgredido para que se fortaleça: é no ato do sacrifício para a expiação dos pecados que o poder do sacerdote aumenta. Da mesma forma, em algumas culturas, são realizadas cerimônias em que o poder do rei é contestado – embora de forma simulada – para depois ser reafirmado. Nesse sentido, a transgressão não visa abolir o tabu – mas reafirmá-lo e fortalecê-lo (AUGRAS, 1989).

Existe uma íntima relação entre os tabus e as palavras que os denominam. Segundo Guérios (1979), há quem acredite numa relação mística entre a coisa e a palavra que lhes dá nome. Assim, a palavra que denomina o tabu, por extensão, também se torna tabu: mencioná-la já equivale a uma transgressão. Conforme Almeida (2007), todo sujeito nativo e falante de uma língua local se depara com palavras e expressões que não podem ser ditas. E não é só por motivações supersticiosas que tais palavras são evitadas, estando também envolvidas em aspectos sociais e emocionais, como decência, bons modos e polidez, entre outros.

De acordo com Guérios (1979), as palavras que denominam os tabus são divididas em dois tipos: os tabus próprios e os impróprios. A primeira categoria se caracteriza pela proibição de se pronunciar um determinado nome ao qual se atribui algum poder sobrenatural: a não observância desse preceito acarreta desgraça ao infrator. A segunda implica a proibição de qualquer expressão imoral ou grosseira, que fira o sentimento ou a veneração que se tem por alguém ou

algo. As palavras nos grafitos de banheiro incluem-se nesse segundo tipo.

Como as palavras que nomeiam os tabus não podem ser pronunciadas ou escritas sem incorrer à punição devida pela sua transgressão, existe uma série de recursos utilizados pelas pessoas para tratar dos tabus sem usar exatamente a palavra que os denomina, a fim de evitar o termo proibido. Assim, por exemplo, existem várias palavras para Deus: Senhor, Criador, Excelso – e várias para o Diabo: Capeta, Capiroto, Imundo. Tais termos são usados para não infringir o tabu implícito no nome próprio dessas divindades (FOLEY, 1969; GUÉRIOS, 1979).

Todavia, como os tabus são desejados, é latente a vontade do indivíduo em usar as palavras proibidas, constituindo o banheiro, assim, um espaço adequado para a transgressão, já que garante o anonimato do transgressor: no banheiro (e em qualquer outro não-lugar), a pessoa é livre das atribuições definidas pela sua identidade. Então, é possível “pecar” sem sofrer a sanção, pois ali as regras sociais do restante da organização parecem não vigorar.

É tabu falar a respeito do que se faz no banheiro. É proibido evocar as secreções corporais, que agridem as narinas (e os brios) do homem dito civilizado – e, supostamente livre dessas “animalidades”, cuja cultura submete e controla os aspectos físicos do corpo (BARBOSA, 1984). De acordo com Almeida (2007), tudo o que é eliminado pelo corpo humano é objeto de intenso tabu, principalmente o sêmen, os pedaços de unhas, fios de cabelo, sangue menstrual, fezes, urina, saliva e leite materno. Por isso, é socialmente adequado deixar no banheiro o que se faz ali, pois aquele é o espaço destinado ao corpo (COUY, 2005). Como são tabus, é sabido sobre o que se trata, mas seus nomes não devem ser mencionados. Os autores dos grafitos de banheiro quebram essa regra: escancaram detalhes escatológicos, discursam sobre sexo, escarnecem da moral estabelecida. Na linguagem dos banheiros, não se escolhem palavras mais “adequadas” para tratar dos assuntos proibidos.

Segundo Teixeira e Otta (1998), o anonimato aumenta as chances de o sujeito infringir as normas sociais e apresentar comportamento destrutivo e agressivo. Esse comportamento surge como uma reação a um ambiente opressor. Assim, os temas que os grafitos abordam podem ser indicativos das temáticas proibidas dentro das organizações em que os banheiros se inserem. De acordo com Couy (2005, p. 75),

guardião de pretensos desejos e dejetos, é no banheiro (...) que se aloja toda uma produção latrinária – e por que não literária – realizada dentro da própria instituição. Lugar que pretende discutir e produzir o saber, propondo a divulgação de ideias, o debate e a busca do conhecimento, a instituição, ao mesmo tempo, renega, exclui e apaga uma extensa produção que faz falar suas estudantes, que faz falar, sobretudo, o corpo, a sexualidade, o gozo...

Para Teixeira e Otta (1998), os grafitos de banheiro apontam questões sociais da atualidade e que o conteúdo desses grafites difere entre diferentes populações, sendo afetados por condições socioeconômicas e escolaridade dos seus autores. Essa visão sugere que os grafitos de banheiro estão vinculados a condições menos favorecidas. Essa associação entre grafitos e marginalidade é apontada por Bachiler (2009).

Contudo, essa visão é parcial. Ao associar a produção de grafitos com características socioeconômicas, desconsidera-se que o seu teor é marginal, e não necessariamente os seus autores (BARBOSA, 1984). O sujeito que os produz fica à margem no momento de sua produção porque é inibido em comunicar aquela mensagem nos lugares que ocupa. O teor dos grafitos tem maior relação com o que é tabu naquela organização do que o nível educacional e classe socioeconômica dos seus autores.

## Metodologia

Os grafitos de banheiro revelam crenças, comportamentos e atitudes dos sujeitos que os produziram de uma maneira não intrusiva, visto que elas são livremente emitidas. Dessa forma, estariam menos sujeitos às censuras de um observador podendo revelar coisas íntimas do indivíduo, que ele não ousaria assumir em outro lugar (BARBOSA, 1984). Além disto, não se deve ignorar que o sujeito que deixou seu grafito em um banheiro está inserido em um contexto e que neste há regras e normas e que estas influenciaram, em maior ou menor grau, sua opção de escrever ali e também no conteúdo do grafito (OHNUKI-TIERNEY, 1996).

Segundo Teixeira e Otta (1998), embora considerada por alguns como textos sem sentido ou atos de depredação do espaço, os grafitos de banheiro configuram uma importante fonte de pesquisa. Escreve-se nas portas de banheiro o que é conflituoso e silenciado em outros locais, como os tabus. Assim, os grafitos não são atos de vandalismo, mas uma via eficiente de expressão encontrada por grupos que tiveram sua voz calada em outros canais.

O estudo de grafitos de banheiro é interessante, pois revela muito sobre o imaginário de determinados grupos sociais (DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009). Mesmo que nem sempre o escrito seja condizente com a realidade, e que esses grafitos sejam, muitas vezes feitos meramente para fins de recreação, é interessante considerá-los como porta de entrada para as representações humanas em diversos aspectos, entre eles o da ocupação e simbolismo do espaço. O exame e a revelação de tabus são, portanto, objetos adequados para este estudo.

Para este estudo utilizou-se a abordagem da pesquisa qualitativa, mais adequada para lidar com interpretações das realidades sociais (BAUER; GASKELL, 2008), tendo sido adotado o método indutivo, por meio do qual é possível, partindo de um caso particular, realizar inferências sobre o todo (MENDES; TREVISAN, 1983), e a técnica iconográfica, pois se trabalhou com fotografias de grafitos. Esse estudo foi realizado em banheiros públicos, devido a dois motivos principais: a) eles são não-lugares dentro das organizações em que se inserem; e b) eles são um canal para a comunicação informal.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi escolhida para coleta destes dados por ser um lugar de livre circulação de conhecimento e pessoas, frequentado por diversos grupos, devido à facilidade de acesso aos seus banheiros e pela grande possibilidade destes conterem grafitos. Foram consideradas nove unidades do *campus* Pampulha da UFMG para a análise de seus banheiros.

Para a escolha destes prédios levou-se em consideração tanto critérios de idade da construção como da área de conhecimento dos cursos que eles abrigam, a fim de se obter um conjunto heterogêneo e que se aproximasse da realidade da organização. Os prédios escolhidos foram os da Biblioteca Central, da Escola de Engenharia, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Faculdade de Letras, do Instituto de

Ciências Biológicas, do Instituto de Ciências Exatas, do Instituto de Geociências e da Praça de Serviços.

No total, foram visitados 78 banheiros, sendo 38 femininos, a mesma quantidade de masculinos e dois mistos. Foram contemplados sanitários localizados em diferentes pontos destes prédios e adotou-se o procedimento de coletar os grafitos em banheiros pareados (o masculino e o feminino correspondente e geralmente localizados próximos um ao outro), exceto nos casos dos banheiros mistos.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de dezembro de 2010 e janeiro de 2011. Este período se realizou propício para esta tarefa principalmente por coincidir com as férias do período letivo, o que diminuiu o número de pessoas presentes no *campus*, facilitando o acesso aos banheiros. Por outro lado, devido às férias, muitos banheiros estavam trancados e em outros os grafitos estavam sendo apagados, de modo que alguns deles não puderam ser coletados.

Em cada um dos banheiros, todos os grafitos foram fotografados. Posteriormente, eles foram classificados em categorias de conteúdo (BARDIN, 2004), de acordo com seus elementos visuais e percursos semânticos. A partir dessa categorização foram selecionados para esta pesquisa os grafitos cujo teor remetia à temática dos tabus, o que englobou os grafitos cuja temática principal se referia à sexualidade ou à escatologia, temas que, conforme Augras (1979) são tabus na sociedade ocidental. Essa categoria foi subdividida em outras duas: “Sexualidade”, incluindo os grafitos de conteúdo erótico; em “Escatologia”, com os grafitos que se referiam às secreções corporais ou às partes do corpo que as eliminam.

Os procedimentos da análise do conteúdo reconstroem a representação em duas dimensões principais: a sintática e a semântica. A primeira descreve os meios de expressão e influência e se refere ao modo como algo é dito ou escrito; e a segunda dirige seu foco para a relação entre os sinais e os sentidos, denotativos ou conotativos, que assumem no texto (BAUER; GASKELL 2008). A análise foi feita por meio dos seguintes procedimentos:

- descrição do banheiro em que a imagem foi coletada;
- contextualização da imagem em relação ao banheiro;

- descrição da imagem;
- descrição do(s) grafito(s);
- identificação e análise de possibilidades semânticas presentes nos grafitos, tanto de forma individual quanto conjunta, quando era o caso;
- identificação e análise das categorias de conteúdo.

Nesse artigo, três imagens contendo grafitos foram trabalhadas por meio da análise de conteúdo, entendida como um método de análise de textos escritos, mas que também pode ser utilizada em imagens, como nesta pesquisa. Por meio dela é possível inferir, a partir de um texto, características do contexto social em que ele foi produzido (BARDIN, 2004). Para serem compreendidas as imagens precisam de contextualização social, o que inclui não só a sua produção como também o seu consumo, envolvendo tanto a sua narrativa interna, seus elementos, quanto a externa – o meio em que foi produzida (BANKS, 2009).

## Apresentação e análise dos dados

Conforme mencionado anteriormente, os grafitos foram subdivididos em duas categorias, “Sexualidade” e “Escatologia”, de acordo com o seu conteúdo. A primeira categoria contém com 83 grafitos e a segunda, 38. Duas imagens representantes da subcategoria “Sexualidade” e uma da categoria “Escatologia” tiveram seu conteúdo analisado em busca da compreensão acerca de como essas temáticas são apresentadas por estes grafitos.

A figura 1 é uma representante da subcategoria “Sexualidade”. Ela retrata um grafito localizado em um banheiro masculino do prédio da Biblioteca Central.

**Figura 1 . Grafito de convite para um encontro e respostas**



Fonte: Dados da pesquisa.

Cada banheiro é composto por duas cabines individuais, cada uma contendo um vaso sanitário, uma lixeira e uma porta; e três mictórios, dispostos em sequência. As paredes são pintadas de branco. Em alguns banheiros, há azulejos brancos nas mesmas paredes em que estão as pias e os mictórios. Todas as cerâmicas são na cor branca e todas as portas, amarelas. Este banheiro apresentava-se limpo e em condições de uso, mas com claros sinais de desgaste: pintura descascada em alguns pontos, desbotada em outros; cerâmicas envelhecidas. Algumas fechaduras das portas apresentavam defeitos, outras eram inexistentes. A imagem apresenta-se em uma parede do lado interno de uma das cabines, do lado esquerdo em relação a quem entra, a cerca de um metro do chão. A partir desses elementos pode-se inferir que as pessoas que escreveram estavam sentadas sobre o vaso sanitário.

Não se sabe quem foram os autores dos grafitos, visto que esse banheiro é acessível para qualquer pessoa que frequente o prédio. Presume-se que sejam fruto de uma autoria coletiva devido aos seus diversos componentes, visto que existem pelo menos quatro caligrafias diferentes, e cada uma delas com uma caneta diferente. Supõe-se que os autores sejam homens por este ser um banheiro masculino.

Identificam-se, na figura 1, quatro grafitos distintos, constituídos por mensagens textuais, sendo que três deles interagem com uma quarta. Supõe-se que esse quarto elemento tenha surgido primeiro, e os demais,

como réplicas a ele. A mensagem tida como principal apresenta os dizeres: “Kero (sic) macho peludo, discreto p/ sexo. Te procuro discretamente. Deixe contato (03/06)”. Ela está disposta em três linhas, terminando a primeira delas na palavra “discreto” e a segunda com “discretamente”. A mensagem foi escrita com letra de forma, a caneta, na cor preta. A segunda linha começa ligeiramente à esquerda, em relação à primeira, e a terceira, bastante recuada à direita em relação à segunda, com a letra “d” da palavra “deixe” alinhada com o ponto final que consta na linha anterior. As palavras “kero”, “te” e “deixe” foram escritas com a primeira letra maiúscula. Todas as palavras da primeira mensagem foram riscadas com caneta hidrocor vermelha. A espessura deste é mais grossa do que a da caneta com que as palavras foram escritas. Texto como um todo está inclinado cerca de 15 graus em relação ao chão, voltado para a direita de quem observa a imagem.

À direita desta mensagem, e começando acima dela, estão os dizeres: “Eu gosto e de mulher, seu viado (sic)!!! Traga sua irmã”. Essa mensagem foi escrita com caneta hidrocor na cor vermelha. O texto dispõe-se em seis linhas, sendo que a primeira delas se encerra na palavra “de”, a segunda é composta apenas pela palavra “mulher”, a terceira apenas por “seu” e a quarta por “viado!!!”. A quinta linha traz os dizeres “traga sua” e a sexta, “irmã”. As palavras “viado” e “irmã” estão grifadas por caneta da mesma cor, sendo que a palavra “irmã” está grifada integralmente e a palavra “viado”, só até a letra “d”. A segunda linha inicia-se ligeiramente recuada para a direita em relação à primeira linha, a terceira encontra-se ligeiramente recuada para a esquerda, em relação à linha anterior, mas alinhada com a primeira linha. A terceira, quarta e quinta linhas estão, cada uma delas, recuadas ligeiramente à esquerda, em relação à respectiva linha anterior. A terceira linha dessa mensagem está em frente ao início da primeira linha do grafito anterior. A mensagem foi escrita em caixa alta, com as letras maiores do que as das demais mensagens que compõem o grafito.

O terceiro elemento deste grafito localiza-se abaixo da primeira mensagem descrita. A partir de uma seta dobrada, voltada para a direita e partindo de um ponto ligeiramente à frente da palavra “deixe”, insere-se o texto: “Ele senta, eu sei que senta!”. Escrito a caneta esferográfica, na cor preta, em um tom ligeiramente mais claro do que o exposto na primeira mensagem, e também com um traço mais fino em relação a esse,

esse elemento apresenta-se em duas linhas. A primeira contém os dizeres “ele senta”, e a segunda, que se inicia ligeiramente à esquerda da anterior, contém o texto “eu sei que senta!”. A palavra “senta”, na primeira linha, aparece grifada, aparentemente com o uso da mesma caneta com que o texto foi redigido. O texto foi escrito totalmente em caixa alta.

Finalmente, sob esta inscrição localiza-se o último elemento. Grafado em caneta azul, encontra-se o seguinte texto “36357111meligagato”. Esse texto inicia-se logo abaixo da palavra “sei” do grafito anterior, e está inclinado para baixo. Compõem a imagem, à esquerda, no campo superior, um traço como que um semicírculo, acrescido de uma linha ondulada na sua porção superior direita, na cor vermelha. No lado inferior, à direita, uma pichação feita também na cor vermelha, que se continua verticalmente, como que emoldurando o grafito. No lado direito é possível notar também outra pichação, menor, feita a caneta azul.

Semanticamente, o primeiro elemento é um convite para um encontro homossexual. A presença da palavra “discreto”, adjetivando o substantivo “macho”, seguida, no mesmo grafito, pela palavra “discretamente”, como advérbio do verbo “procurar”, sugere que esse encontro não pode ser combinado de forma pública: é algo escondido, que precisa ser “encontrado” ou “procurado”. É um indício de que uma relação homossexual é um tabu, pois há uma preocupação com o sigilo. E já que a quebra de um tabu implica uma punição, a discricção mútua é uma maneira de resguardar-se da sanção. O enunciador da mensagem preserva a sua identidade, mas não consegue se esquivar da punição. Pode-se interpretar dessa forma o fato dessa inscrição estar completamente riscada. Esse risco pode simbolizar uma tentativa de anular a mensagem, e seu conteúdo homossexual. O fato de a mensagem permanecer passível de leitura pode soar como um alerta que mostra qual conteúdo não é tolerado. Essa interpretação pode ser reforçada, considerando-se que a sanção ao tabu muitas vezes é realizada de forma pública, para servir como exemplo para as pessoas (AUGRAS, 1989). Fica ali então, a mensagem rasurada como um aviso aos demais.

Na sequência, podem-se considerar os segundo e terceiro elementos citados como repressão ao grafito inicial, o que é sugerido pelo fato do segundo grafito estar escrito a caneta hidrocor vermelha, da mesma cor e espessura da caneta utilizada para riscar o texto mencionado. Isso sugere que o autor deste texto e o que fez a rasura são a mesma pessoa. Independentemente

desta possibilidade, o texto, redigido em vermelho e com traço espesso, apresenta um efeito visual muito intenso, principalmente devido ao contraste com o fundo branco. O fato de as letras serem muito maiores que as demais, e em caixa alta remete à convenção da internet em que um texto em maiúsculas equivale a um grito, caso a mensagem tivesse sido pronunciada ao invés de escrita. Esses elementos por si só, trazem a essa mensagem um tom ameaçador, enfatizando a mensagem. Esta, analisada do ponto de vista do seu conteúdo, pode ser interpretada como uma recusa ao convite proposto inicialmente, justificada pelo seu enunciador declarar-se explicitamente heterossexual.

Contudo, essa recusa se faz de modo a insultar a quem o convidou. A palavra “viado”, seguida de três pontos de exclamação e sublinhada, enfatiza esse termo, que é utilizado de maneira pejorativa para referir-se aos homossexuais em geral, e ao autor do convite, em particular. Desse modo, pode-se interpretar que esse insulto dirige-se não só ao autor da mensagem, mas a todos os gays. Há um segundo elemento de insulto nessa mensagem. Os dizeres “traga a sua irmã”, com ênfase dada pelo sublinhado na palavra irmã podem ser interpretados como uma sugestão para que o suposto encontro sexual aconteça entre a irmã do enunciador do primeiro grafito e o autor do segundo. A menção de relação sexual com um parente próxima também constitui um insulto, porque implicaria relações sexuais com um estranho, além de sugerir que um encontro legítimo só poderia ser dar entre homem e mulher.

A terceira mensagem também pode ser lida como uma reprovação ao grafito inicial. Os dizeres “ele senta, eu sei que senta”, fazem referência à música “*Cowboy viado*”, cuja letra ridiculariza os homossexuais. Ao remeter a essa temática, esse grafito ridiculariza o autor do convite. Por fim, o quarto elemento da mensagem pode ser interpretado como uma aceitação ao convite inicial. Assim, os algarismos apresentados num grafito podem indicar um número de telefone (o que é uma interpretação razoável, visto que, em Belo Horizonte, os números de telefones são compostos por oito algarismos, tal qual a sequência numérica apresentada). As letras que se apresentam logo após a sequência numérica podem ser lidas como “me liga gato”. É interessante notar que a letra “o” da palavra “gato” se assemelha a um coração.

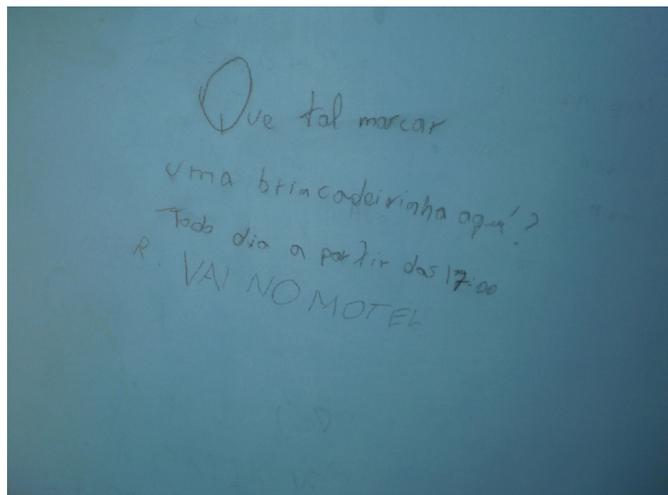
Considerando que o autor do grafito inicial teria que voltar ao banheiro em busca de possíveis respostas a sua mensagem, 1, a pessoa que escreveu este terceiro

grafito sabia que iria ser lida por uma pessoa específica esse esboço de coração pode ser interpretado como um indício de paquera. Contudo, é uma paquera feita de modo discreto, como solicitado. É necessária certa atenção para se compreender a mensagem, visto que seu enunciador colocou letras e números em sequência, sem dar nenhum espaço entre elas. A um observador desatento, poderia passar despercebido que há algo escrito ali.

Como um conjunto, esse grafito pode ser entendido a partir de quatro mensagens, que se complementam para o entendimento do todo. Um convite para um encontro sexual homossexual sofre repressão por via de dois comentários ofensivos e por ter sido rasurado. Isso denota que a homossexualidade é tida como um tabu, quando se considera que algumas reações a ela foram de sanção. Pensando que as pessoas que frequentam o banheiro são as mesmas que frequentam a organização, pode-se considerar que esse é um tabu ali. O fato de que esse convite foi feito em um não lugar, no espaço marginal do banheiro também suporta essa hipótese. Isso está de acordo com a preocupação do autor do convite, sobre a discrição, o que indica que em um lugar, aquele convite não teria vez. Contudo, houve uma resposta positiva ao convite, houve uma atitude direcionada para o encontro. No entanto, fica a reflexão: um não lugar, espaço anônimo, sem história, sem vínculos, poderia ser palco para um encontro de fato? A tentativa de transformar um não lugar (sem vínculos) em um lugar (com vínculos) seria bem sucedida?

A figura 2 representa um grafito proveniente de um banheiro masculino do Instituto de Ciências Exatas. Este grafito também é proveniente da subcategoria “Sexualidade”:

Figura 2 . Grafito de convite e resposta



Fonte: Dados da pesquisa.

Esse banheiro é constituído por três cabines individuais, localizadas na parede oposta à entrada principal, bem como por dois mictórios e três pias, situados na parede contígua. A divisão entre os mictórios foi feita com pedra ardósia na cor verde. Cada cabine possui uma porta na cor azul, uma lixeira e um vaso sanitário. As paredes são revestidas por azulejo branco até a altura de dois metros. Imediatamente antes do final da porção azulejada, no topo, há uma faixa em forma de zigue-zague de azulejos na cor preta, circundando todo o banheiro. O rejunte entre os azulejos é na cor cinza. O mesmo padrão se repete no piso, dando ao banheiro um aspecto escuro, que permanecia mesmo quando suas luzes estavam acesas. Neste prédio os banheiros estavam razoavelmente limpos, mas com sinais de uma construção antiga, visto que o prédio data da década de 1970.. Os azulejos manchados e as paredes já desbotadas corroboram essa impressão.

Em um desses banheiros, atrás da porta de uma das cabines encontrou-se os grafitos apresentados da figura 2. Supõe-se, pelas diferenças de caligrafia, que os dois possuem autorias distintas, provavelmente homens, por se encontrarem em um banheiro masculino. O primeiro grafito contém os dizeres “Que tal marcar uma brincadeirinha aqui (sic)? Todo o dia a partir das 17:00”. O texto está disposto em três linhas, sendo que a primeira termina com a palavra “marcar”, a segunda com “aqui?” e a terceira com “17:00”. A primeira linha está ligeiramente recuada à direita em relação às demais, que têm seu início alinhado entre si. O texto é totalmente composto por letras minúsculas,

exceto o “q” da palavra “que”. Predomina a escrita em letra de forma, exceto pelas letras “l” da palavra “tal”, os dois “n” e o “h” da palavra “brincadeirainha” e “q”, “u” e “i” da palavra “aqui”, que estão em minúsculas. Imediatamente abaixo desta mensagem, alinhada com a linha anterior, encontra-se o segundo grafito, com os dizeres: “R: Vai no motel”. O texto é grafado em caixa alta. Um pouco abaixo destes grafitos, encontra-se outro grafito, em cor mais clara, sendo composto pela sigla “GDC” em maiúsculas. À direita dos grafitos principais é possível perceber também vestígios de um quarto grafito, ilegível, provavelmente por ter sido apagado pela equipe de limpeza.

Um possível percurso semântico para essa imagem é a de que a primeira mensagem é anterior à segunda, e que esta surgiu como réplica a esta. Essa interpretação faz sentido quando se considera que primeira mensagem é uma pergunta e que a segunda inicia-se com a letra “R” seguida por dois pontos, o que sugere que ela constitua uma resposta. Assim, o primeiro grafito seria um convite para um encontro sexual, visto que a palavra “brincadeirainha” pode ser usada, conotativamente, como um sinônimo. Aparentemente, esse encontro aconteceria na própria cabine do banheiro, nos dias e horários explicitados.

Nesse contexto, uma possibilidade para a interpretação do segundo grafito seria a de que seu enunciador considera que o encontro proposto não poderia acontecer naquele espaço, mas em outro mais adequado, o de um motel. Esse é um indicativo de que aquele comportamento não é aceito ali, pois aborda um tema proibido, um tabu. Considerando-se que esses grafitos foram encontrados em um banheiro masculino e que seus frequentadores são homens, o primeiro grafito é a expressão de um desejo homossexual. O segundo grafito, assim, indica não apenas que aquele não é um espaço adequado para encontros sexuais, e tampouco para práticas sexuais homossexuais: é uma tentativa de seu autor de reproduzir ali, em um não-lugar organizacional, as mesmas normas vigentes nos lugares. Essa seria, então, uma tentativa de transformar o não-lugar em lugar, imprimindo-lhes as regras hegemônicas.

O grafito apresentado pela figura 3 é proveniente do mesmo banheiro da figura 1, um banheiro masculino da BC, porém de cabines distintas. E, diferentemente daquele grafito, esta imagem ilustra a categoria de tabus ligados à escatologia.

Figura 3 . Grafito transgressor



Fonte: Dados da pesquisa.

No centro da imagem aparecem, escrito a caneta na cor azul, totalmente em maiúsculas, os dizeres: “Cê (sic) qué (sic) cagá (sic)? Aqui é o lugá (sic)!?”. O texto está disposto em duas linhas, sendo que a primeira delas termina com o ponto de interrogação. Abaixo desta inscrição, à esquerda, há um adesivo com os dizeres “Não à guerra. Sanção: boicote aos produtos USA”. À esquerda deste adesivo, um grafito ilegível compõe a imagem. Para fins desta análise, foi considerada apenas a mensagem centralizada, a principal desta imagem, visto que os demais elementos não interagem com ela.

Semanticamente, um percurso possível para a interpretação desta imagem é a de que ela é uma paródia a um tipo de *jingle* comercial que relaciona um atributo ou coisa desejada a um lugar específico em que se possa obtê-lo, no caso, o estabelecimento comercial. Nesse caso, a disposição do texto em duas linhas e a rima seriam intencionais, assemelhando-se a esse recurso publicitário que, geralmente consiste em uma mensagem musical e de curta duração, para facilitar a memorização.

O grafito sugere que o ato de defecar é desejado pelas pessoas tanto pela urgência de uma necessidade fisiológica, quanto pelo prazer descoberto durante a fase anal do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. E, conforme o seu autor, o local adequado para a satisfação deste desejo é o banheiro. Constituindo um espaço marginalizado e um não-lugar dentro da organização, como já discutido anteriormente, ele é um espaço do corpo, destinado às funções que, culturalmente, fomos ensinados a negar.

Esse caráter dual desejado/proibido é característico dos tabus, confirmando que, de fato, esta é uma temática silenciada nos lugares organizacionais, sendo confinada, portanto, ao não-lugar. A própria delimitação de um espaço em que o tabu pode ser quebrado remete a essa proibição. Conforme já discutido, a força da norma que institui o tabu vem da sua própria regra. É necessário então haver um espaço em que a transgressão seja possível (e controlada) a fim de que a regra que a institui seja reforçada. No caso, esse espaço seria o banheiro.

Outro percurso semântico possível sugere que este espaço também é propício para o uso de linguagens transgressoras. Visto que o banheiro de onde este grafito é proveniente localiza-se dentro de uma universidade, e é frequentado principalmente por estudantes, é razoável supor que a grafia das palavras “cê”, “qué” e “cagá” seja intencional. O grafito representa uma transgressão também à norma da linguagem adequada àquele lugar, a universidade, com uso de termos polidos e socialmente adequados.

As expressões coloquiais podem, conotativamente, também indicar que ali o sujeito se sente à margem das normas e que, assim, expressa essa liberdade não só na ortografia quanto no conteúdo do grafito. A partir desses elementos é possível inferir que provavelmente os sujeitos percebem que na organização existem espaços mais “próprios” que outros, bem como comportamentos mais “adequados” às normas ali vigentes.

Se o lugar “universidade” é onde as normas prevalecem, o banheiro é o não-lugar em que elas, a princípio, não teriam alcance. Assim, outro percurso semântico possível para a imagem é que ela explicita essa diferença. Considerando que o grafito faz uma paródia de uma propaganda, e que esta contém elementos para transmitir às pessoas uma imagem que a organização quer que tenham a seu respeito. A inserção de elementos marginais pode ser entendida como caracterizando aquele espaço também como marginalizado e, portanto, propício à transgressão.

## Discussão – Os grafitos e a organização

Para Bauer e Gaskell (2008, p. 189), “os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que

seus autores imaginam”. Este raciocínio pode ser estendido aos grafitos de banheiro, que revelam a organização em que foram produzidos. Como um não-lugar, o sanitário é um espaço marginalizado em termos organizacionais, sendo um receptáculo para mensagens que “não cabem” naquele cotidiano formal. Nele são manifestos aspectos com conteúdo escatológico ou ligado à sexualidade, sem as amarras esperadas quando em sociedade (BARBOSA, 1984). Isso se deve ao fato de constituírem não-lugares, com uma suspensão temporária de identidade dos que por ali passam.

Todavia, ao contrário do que pode parecer em um primeiro olhar, não se trata de uma total e irrestrita liberdade de expressão o que se vive no âmbito do não-lugar banheiro: não-lugar não significa não controle. Mesmo em se tratando de temáticas tabus as expressas em suas paredes, a própria expressão ocorre de maneira relativamente controlada.

Isso se verifica, em primeiro lugar, por meio do meio pelo qual se transmite a mensagem: sendo confinados aos banheiros, e mais especificamente em suas paredes e portas, os grafitos transgridem, mas de forma “esperada”: uma vez que os tabus envolvem a sexualidade e as secreções corporais, são expressos precisamente em um lugar sem importância, que não é visto, aonde se vai rapidamente e que não merece atenção. Ali, e somente ali, a expressão da carnalidade humana é de certa forma tolerada porque sendo um local necessário, mas impróprio, se pode “secretar” um tipo de expressão que não serve para a vida em sociedade.

A expressão de tabus nos grafitos de banheiros, assim, longe de subverter a ordem, na verdade faz parte de um mecanismo que a reifica. A análise dos dados visuais ratifica a posição de Augras (1979), de que a quebra do tabu reforça a norma que o instituiu. Quanto ao controle, observa-se ainda uma tentativa de “enquadramento” dos sujeitos nos níveis individual, organizacional e social. No nível individual, ainda que sejam anônimos, os autores expressam suas opiniões de forma rude e agressiva, formuladas no breve tempo em que ali permanecem para satisfazer necessidades fisiológicas, já que rapidamente se espera que retornem ao cotidiano produtivo da organização.

No nível organizacional, observam-se tentativas de controle daquele lugar, como a colocação de avisos que solicitam aos usuários que não cometam “atos de vandalismo” nas instalações, os esforços de limpeza

das paredes e portas dos banheiros, sob o pretexto de mantê-los higienizados, ou a presença de empregados que, supostamente à disposição dos usuários, observam os que ali frequentam.

A limpeza sistemática, aliás, simbolicamente é uma espécie de rito de purificação do espaço do banheiro. Apagando-se as mensagens tidas com impróprias, evidencia-se que aquela linguagem não é tolerada naquele contexto e restabelece-se a ordem do silêncio sobre os assuntos do corpo, sendo a expressão, e, por extensão, seu autor, “mortos” do ponto de vista simbólico. Os grafitos são periodicamente apagados, sinalizando que aquelas mensagens não são bem-vindas ali, pois subvertem o propósito para o qual aquele espaço foi construído – o banheiro assim, tem uma e apenas uma função.

No nível social, a transgressão do tabu precisa ser caracterizada como violenta e que demanda uma repressão legítima à altura. Os grafitos são definidos como marginais porque seu conteúdo não é aceito, uma vez que não corresponde ao que é socialmente adequado. Sua linguagem, seu conteúdo, suas ideias, enfim, são rotuladas, toleradas no ostracismo de um lugar periférico, e excluídas, ao mesmo tempo em que se reforça a possibilidade de sanção pela infração.

Ajustar-se, adotando uma linguagem adequada, que possa ser expressa socialmente, é um requisito de inclusão social, que garante aos que se expressam como esperado, o acesso aos espaços privilegiados e, em alguns casos, a possibilidade de ascensão na organização. Do ponto de vista hegemônico, a expressão de tabus justifica a violência por outros membros da comunidade, que demonstram a sua intolerância fazendo uso de elementos como os presentes na figura 1.

## Conclusões

As principais contribuições desse trabalho, diretamente relacionadas entre si, se referem à inclusão e à exclusão, às relações de poder, e às diferenças. O tabu parte da ideia de que algo não pertence e não deve fazer parte de um contexto social específico; sequer deve ser mencionado, na verdade. Incluir-se socialmente implica compartilhar dos silenciamentos, submetendo-se, de forma consciente ou não, à norma vigente e, por extensão, excluir os que não adotarem a mesma posição. A inclusão e a exclusão adquirem uma

tonalidade política, pois não dizem respeito apenas ao compartilhamento de opiniões, mas de fazer valer, em alguns casos, violentamente, a opinião hegemônica. Agredir os que expressam o que não pode ser dito, dessa maneira, é esperado como comportamento dos que desejam preservar a ordem hegemônica das coisas.

A força da norma se destaca como um segundo aspecto. As regras se tornam determinações de normalidade, isto é, definem o que é “normal” e, conseqüentemente, o que não o é. Fazer parte de uma comunidade qualquer significa seguir as suas normas, explícitas ou tácitas. Isso é condição de aceitação, de manutenção da ordem, de ascensão social. Alinhar-se à norma e, mais do que isso, expressar tal alinhamento de forma clara é mais do que desejado. Nas organizações, esse processo de homogeneização define, por exemplo, os “eleitos”, que terão a possibilidade de permanecer e de se destacar na estrutura, e “os outros”, fadados a serem desvalorizados, excluídos ou violentados de alguma forma por conta de serem diferentes do “padrão”.

A questão das diferenças, última, mas não menos importante contribuição deste trabalho, é algo a ser considerado com atenção pelas organizações. Definir que os banheiros devem ser invariavelmente limpos, sem frases ou desenhos, é mais do que uma decisão estética; aliás, embora esse seja um argumento sempre invocado, trata-se possivelmente do elemento menos importante da ação. É o sufocamento e o apagamento das diferenças que está em jogo, pois à medida que, mesmo em um espaço sem importância não deve haver nada além do silêncio “oficial” sobre alguns assuntos, reprime-se a possibilidade do diferente, do não previsto, do “disfuncional”. A organização se reforça enquanto lugar do resultado, que oprime, sob o argumento da limpeza, o “sujo” – o diferente, inclusive.

Os grafitos, enquanto expressão de relações sociais, são mensagens subterrâneas porque a “superfície” as condena a serem como tal. A funcionalidade da construção organizacional, de acordo com esta pesquisa, instrumentaliza as possibilidades de manifestação social, relegando a um plano marginal qualquer expressão não de acordo com os objetivos da organização. Esse controle, entretanto, não se refere apenas à comunicação e ao seu conteúdo: estende-se às pessoas que os produzem, pois ao definir que tipo de mensagem pode ser veiculada, os dirigentes da organização limitam o comportamento dos seus membros, restringindo-os ao projeto organizacional.

## Referências

- ALMEIDA, L. **À guisa de uma tipologia para tabus linguísticos** – proposta para um glossário. 2007. 372 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da modernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- AUGRAS, M. **O que é tabu?** São Paulo: Brasiliense, 1989
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARBOSA, G. **Grafitos de banheiro**: a literatura proibida. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BORDIN, D. J. **Inscrições de si**: da porta de banheiro ao *chat*. 2005. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2005.
- COUY, V. B. **Mural dos nomes impróprios**. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.
- DAMIÃO, N. F.; TEIXEIRA, R. P. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer? **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-10, 2009
- DANGSCHAT, J. S. Space matters – marginalization and its places. **International Journal of Urban and Regional Research**, Oxford, v. 33, n. 3, p. 835-840, Sep. 2009.
- DASKALAKI, M.; STARA, A.; IMAS, M. The ‘parkour organization’: inhabitation of corporate spaces. **Culture and Organization**, Abingdon, v. 14, n. 1, p. 49-64, Mar. 2008.
- FARIA, A. A. M. Discurso e leitura, semântica e argumentação em *Germinal*. In: MACHADO, I. L.; CRUZ, A. R.; LYSARDO-DIAS, D. (Org.). **Teorias e práticas discursivas**: estudos em análise do discurso. Belo Horizonte: UFMG/FALE/NAD/Carol Borges, 1998.
- FOLEY, L. Can taboos be tabulated? **Journal of Business Communication**, Blacksburg, v. 6, n. 3, p. 9-16, Spring 1969.
- FREUD, S. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- FREUD, S. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. Curitiba: UFPR, 1979.
- IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 66-91, jan./fev. 2010.
- MARCUSE, P. Putting place in its space: reassessing the spatiality of the ghetto and advanced marginality. **City**, Abingdon, v. 11, n. 3, p. 378-383, Dec. 2007.
- MENDES, I. A. C.; TREVIZAN, M. A. Acerca da utilização do método científico nas pesquisas de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 13-19, 1983.
- MORRIS, J. O. The taboo against plain language. **The Journal of Business communication**, Blacksburg, v. 23, n. 4, p. 5-7, Fall 1986
- OHNUKI-TIERNEY, E. The anthropology of the other in the age of supermodernity. **Current Anthropology**, Chicago, v. 37, n. 3, p. 578-580, Oct. 1996.
- PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 2-21, mar. 2011.
- SÁ, T. Lugares e não Lugares em Marc Augé. **Artitextos**, Lisboa, n. 3, p. 179-188, dez. 2006.
- TEIXEIRA, R. P. OTTA, E. Grafitos de banheiro: um estudo das diferenças de gênero. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 2, p. 229-250, jul./dez. 1998.

VILAÇA, M. G. C. **Tabus linguísticos na publicidade brasileira**. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

WEIMANN, G. On the importance of marginality: one more ate into the two-step flow of communication. **American Sociological Review**, Chicago, v. 47, n. 6, p. 764-773, Dec. 1982.

WINICK, C. Taboo and disapproved colours and symbols in various foreign countries. **The Journal of the Social Psychology**, London, v. 59, n. 2, p. 361-368, 1963.